



ASSISTÊNCIA EM SALA DE VACINA: FACILIDADES E DIFICULDADES NO GERENCIAMENTO

Maria Cecília Matos Barros¹
Edmara Chaves Costa²
Samara Dos Reis Nepomuceno³
Ana Cecília Cardozo Soares⁴
Emília Soares Chaves Rouberte⁵

RESUMO

A equipe de enfermagem, desde a aplicação dos imunobiológicos até o manejo da Rede de Frio, contribui efetivamente para o desenvolvimento do programa de vacinação no país. Como responsável pela sala de vacina, o enfermeiro tem ações diretas tanto como coordenador das ações de imunização como também prestando assistência direta na administração das vacinas. Diante disso, os objetivos desta pesquisa foi apresentar o perfil sociodemográfico e de formação dos enfermeiros das Unidades de Saúde, e identificar facilidades e dificuldades para a realização do serviço de imunização. Tratou-se de um estudo transversal, exploratório e com abordagem qualitativa. Após um intensivo treinamento, com a apresentação dos instrumentos e uma revisão de pontos importantes referentes a imunização, os enfermeiros, responsáveis pelas Unidades, preencheram questionários informando o que julgavam ser facilidades, fragilidades, oportunidades e [dificuldades para o gerenciamento do processo de imunização dentro das Unidades de Saúde. A pesquisa foi realizada em 15 Unidades Básicas de Saúde com a participação de 16 enfermeiros. Todos eram do sexo feminino, tinham média de idade de 33 anos e média de 4 anos de atuação em sala de vacina. Identificou-se que pontos importantes são comuns na percepção dos profissionais: possuir vacinadores capacitados, salas de vacinas com estrutura adequada e insumos suficientes foram alocados como facilidades pela maioria; em contrapartida, relataram que, grande parte das Unidades, possuía salas que não seguem as normas do Ministério da Saúde, e tinham uma baixa procura pelos imunizantes, dificultando a abertura de frascos multidoses ou causando perdas de doses. Por meio das análises, os objetivos foram atingidos, concluindo assim que há uma predominância de mulheres e uma crescente inserção de profissionais jovens na imunização, ademais, enquanto uma parcela desses enfermeiros possuem um ambiente de trabalho adequado como facilidade, uma outra persiste com dificuldades relacionadas a estrutura das salas de vacina, sendo assim necessário um reforço nos investimentos e fiscalizações para diminuir essas lacunas.

Palavras-chave: Imunização; Facilidades; Dificuldades; Enfermagem.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ICS, Discente, ceciliamatosbarros@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ICS, Docente, edmaracosta@unilab.edu.br²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ICS, Discente, samaranepomuceno@aluno.unilab.edu.br³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ICS, Discente, ceciliauni77@gmail.com⁴

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ICS, Docente, emilia@unilab.edu.br⁵

INTRODUÇÃO

Na Atenção Primária, o enfermeiro é integrante da equipe da Estratégia Saúde da Família e do Programa saúde na Escola (PSE); sua responsabilidade vai além de simplesmente administrar vacinas, ele é o encarregado de garantir que todo o processo de vacinação ocorra de forma segura e eficiente. Agindo para prover a conservação e administração dos imunobiológicos, manuseio do Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI), além da vigilância dos eventos adversos. (BATISTA et al., 2021)

Portanto, o enfermeiro desempenha um papel multifacetado, sendo o coordenador das salas de vacinação, mas também desempenhando funções essenciais em todo o espectro de cuidados de saúde oferecidos no local. Por conta dessa sobrecarga de tarefas e demandas em outras áreas dentro da Unidade, e para permitir um atendimento mais ágil e direto aos pacientes, os técnicos de enfermagem assumem a maior parte das vacinações diárias.

Visto que, ao analisar a dinâmica das atividades de vacinação dentro de cada Unidade de Saúde, e, como as mesmas são executadas pelos profissionais, possíveis necessidades, fragilidades ou mesmo pontos positivos podem ser reforçados.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar apresentar o perfil sociodemográfico e de formação dos enfermeiros das Unidades de Saúde e identificar facilidades e dificuldades para a realização do serviço de imunização.

METODOLOGIA

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Unilab, foi possível iniciar a coleta de dados nas Unidades de Saúde de dois municípios cearenses que em acordo com a Secretária de Saúde serão preservados seus nomes e denominados por X e Y. A população de estudo possuiu como critério de inclusão: enfermeiros que estivessem desempenhando a assistência nas unidades supracitadas. Realizou-se um treinamento direcionado para coleta de dados por uma Mestranda sob orientação da Coordenadora do projeto, no qual todos os instrumentos que seriam utilizados foram apresentados e explicados detalhadamente. Também foi realizada uma revisão na qual pontos cruciais referentes a imunização foram retomados e reforçados. As Unidades Básicas de Saúde foram distribuídas em uma planilha recebendo cada uma um código para identificação nos questionários, seguido pela quantidade de enfermeiros que possuíam.

Nos campos de pesquisa, após a assinatura do Termo De Consentimento Livre E Esclarecido (TCLE), os enfermeiros coordenadores de cada Unidade foram conceituados acerca de toda a pesquisa, suas etapas e benefícios para a resolução de possíveis problemas achados, ademais responderam um questionário com perguntas gerais buscando identificar seus perfis sociodemográficos e um segundo a fim de coletar as facilidades, fragilidades, oportunidades e dificuldades vivenciadas no local de trabalho.

Por fim, após a coleta total dos dados, os mesmos foram digitalizados sendo codificados o município de Redenção com "A" e os de Acarape com "B", analisados e seus resultados comparados com pesquisas semelhantes já existentes na literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizou-se em dois municípios do Maciço de Baturité. Dentre esses locais de coleta, 15 Unidades Básicas foram alvo do estudo, sendo 11 delas localizadas em Redenção e 4 em Acarape, ao todo 16 enfermeiros participaram, contando com 12 profissionais no primeiro município e 4 no segundo respectivamente.

Após análises das respostas colhidas com o questionário, constatou-se que 100% dos enfermeiros entrevistados são do sexo feminino. Reforçando esse achado, um estudo realizado com 11 participantes



também teve como predominância absoluta em sua amostra de estudos o sexo feminino (GONÇALVES et al, 2021). Os participantes apresentaram perfil variando entre 25 e 68 anos de idade; ao calcular a média de idade das enfermeiras, tivemos que as profissionais atuantes dos dois municípios possuíam, em média, 33 anos de idade. Esse perfil também foi encontrado por Gonçalves et al (2021), ao apresentar, em seus resultados, que a equipe de enfermeiras possuía idades entre 35 e 48 anos.

Notou-se que as Unidades de Saúde e suas salas de vacinas são majoritariamente preenchidas por mulheres com média de idade que se assemelham em diversos estudos, “a equipe de enfermagem deste estudo, 100% de mulheres, confirma a predominância feminina da profissão. A idade média entre as enfermeiras foi de 36,4 anos, variando de 26 a 46 anos” (LUNA et al, 2011).

No município X, o nível de escolaridade dos profissionais alternou entre graduação e especialização, sendo que 25% das enfermeiras concluíram uma especialização e 75% apenas o ensino superior. No município Y, 50% informaram como nível a graduação, 25% realizaram uma especialização e divergindo ao outro local em estudo, 25% possuem o título de mestrado.

Referente ao tempo de atuação em sala de vacina, no geral, constatou-se uma média de 4 anos de atuação. Individualmente, houve uma variação entre 2 meses e 26 no município X, no qual metade das enfermeiras estão, em média, há 2 anos atuando na área de imunização; quatro há menos de 1 ano; e apenas uma possui um tempo maior que 20 anos. Já no município Y a variação foi entre 11 meses e 4 anos de atuação, sendo duas atuantes há 2 anos, uma há menos de 1 ano e uma há 4 anos.

No que trata sobre as facilidades, possuir uma vacinadora com vasta experiência dentro da sala de vacina foi citado por 8 enfermeiros como um aspecto facilitador para um melhor gerenciamento do serviço de imunização nas Unidades de Saúde.

“Contar com uma técnica de enfermagem com experiência em sala de vacina, o que facilita muito no gerenciamento.” (X);

“Ter uma equipe (técnica em enfermagem) competente que é capacitada a responder toda a demanda solicitada.” (A10ENF1)

Entre outras falas que seguem, o mesmo pensamento, mostrando que os vacinadores possuem bagagens de conhecimento sobre o assunto e que procuram estar atualizados ao que é preconizado pelo PNI.

“Ter um profissional que sempre procura se especializar para acolher a demanda da população em geral.” (A10ENF1).

Outro ponto em comum entre as respostas dos enfermeiros focou-se na estrutura das salas de vacinação, muitos julgaram possuir um ambiente apropriado e insumos suficientes para a execução das ações.

“Ter uma sala com os insumos sempre disponíveis para aplicar sempre quando solicitado.” (A10ENF1);

Mesmo com respostas positivas referentes a existência de uma boa estrutura, ainda é um número baixo, fazendo com que as fragilidades de outras Unidades se sobressaíam. Quando questionados sobre as dificuldades para o gerenciamento do serviço de imunização nas Unidades de Saúde, aqueles que não citaram o ambiente como um facilitador, o colocaram como fator agravante.

“Não possuir uma estrutura ideal” (A01ENF1);

“Instalações físicas que atendem as regulamentações.” (B02ENF1);

Assim, é notório o quanto diversas salas de vacinas ainda não são totalmente adequadas para o seu perfeito funcionamento, concordando com um estudo realizado no Município de Fortaleza em 89 salas de vacinas, onde segundo Galvão et al. (2019), dentre os profissionais entrevistados a maioria apontou a ausência de serviço de manutenção preventiva/corretiva o que contraria as recomendações do PNI. Ainda seguindo sobre a estrutura das SV e seu estado precário, “o estudo mostrou que as salas de vacina não estão com sua estrutura física adequada conforme recomendado pelo Manual de estrutura física das unidades

básicas de saúde.” (LUNA et al., 2011)

Por fim, grande parte das respostas apontaram a dificuldade em abrir frascos multidoses por conta da baixa procura, gerando assim perda de doses.

“Abertura de frascos multidoses” (A05ENF1);

“Falta de adesão da população” (A06ENF1);

“A não possibilitação de abertura de frascos, com a perda de doses caso o grupo não seja formado.” (A09ENF1)

CONCLUSÕES

Dessa forma, a partir dos achados, é possível delinear um perfil sociodemográfico dos enfermeiros responsáveis pelas salas de vacinas dos X e Y, em sua totalidade profissionais do sexo feminino, com uma média de 33 anos de idade e 4 anos de atuação na área da imunização. Possuir vacinadores capacitados, salas de vacinas com estrutura adequada e insumos suficientes são fatores facilitadores para um melhor gerenciamento do serviço de imunização citados na maioria das respostas, em contrapartida, como dificuldades uma outra parcela aloca ainda a existência de salas que não seguem as normas preconizadas, a baixa procura da população pelos imunizantes dificultando a abertura de frascos multidoses ou causando perdas de doses.

É perceptível que novos profissionais estão se inserindo no contexto da vacinação, vendo que em maioria os anos de atuação são períodos curtos, também é possível inferir pelas idades, que trata-se de uma população jovem, revelando assim um baixo número de enfermeiros com longos anos de atuação nas salas de vacinas. Além disso, a não procura pelas vacinas o que aumenta os riscos de não completar esquemas vacinais essenciais ainda é algo pertinente, dessa forma, faz-se necessário a intensificação de campanhas, busca ativa de faltosos e outros mecanismos que possam trazer essa população para as Unidades, “uma tarefa essencial é procurar sensibilizar todos os profissionais da equipe para que se envolvam na atividade de vacinação.” (LUNA et al., 2011)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pelo financiamento da pesquisa intitulada ASSISTÊNCIA EM SALAS DE VACINA: FUNCIONAMENTO E PRÁTICAS.

REFERÊNCIAS

BATISTA, E.C.C.; FERREIRA, A.P.; OLIVEIRA, V.C. de; AMARAL, G.G; JESUS, R.F de; QUINTINO, N.D; VIEGAS, S. M. da F.; GUIMARÃES, E. A. de A.. Active surveillance of adverse events following immunization in primary health care. Acta Paul Enferm, v. 34, eAPE002335, Nov. 2021.

GALVÃO M.F.P.S.; ALMEIDA P.C.; LOPES M.S.V.; COUTINHO J.F.V.; MARTINS M.C.; BARBOSA L.P. Avaliação das salas de vacinação de unidades de Atenção Primária à Saúde. Rev Rene. 2019;20:e39648

GONÇALVES D.T.A.; VIEGAS S.M.F.; RENNÓ H.M.S.; OLIVEIRA V.J.; GUIMARÃES E.A.A.; CARVALHO H.R.J.; MONTENEGRO L.C.; OLIVEIRA V.C. Conservação de vacinas: o olhar da equipe de enfermagem. Av. Enferm. 2021;39(2):178-187. <http://doi.org/10.15446/av.enferm.v39n2.86299>

LUNA, G.L.M. et al. Aspectos relacionados à administração e conservação de vacinas em centros de saúde no



Nordeste do Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 16, n. 2, p. 513-521, fev. 2011.